

“EM QUE BATISMO FOSTES BATIZADOS?” (At 19,3)
Os testemunhos bíblicos do batismo cristão

Antonio Luiz Catelan Ferreira

Introdução

Na consciência da Igreja, a figura de João Batista é associada sobretudo ao batismo de Jesus no Jordão e, quase que por consequência, com o batismo cristão. O presente estudo monográfico da figura de João Batista nos oferece ocasião para refletir sobre o rito cristão que recebeu uma influência direta dele e de seus seguidores. Vamos nos ocupar dos elementos neotestamentários referentes ao batismo.

Interessamo-nos aqui pelos resultados da pesquisa exegética às raízes do batismo cristão e as suas características distintivas. E isto em vista da compreensão teológica do mesmo. De saída, é bom estarmos conscientes de que a exegese não encontra unanimidade em torno dessas questões. E isto é motivado sobretudo porque os testemunhos bíblicos contêm elementos pré-literários que testemunham uma prática variada tanto na forma do rito quanto no significado que se atribui a ele. De fato, o único elemento invariável nesses testemunhos é o uso ritual da água.

Não existe uma ordem pré-pascal de Jesus de que seja administrado o batismo, como existe com relação à Eucaristia. A determinação de Cristo de que o batismo seja administrado é inserida em relatos de aparições em Marcos e Mateus. O texto de Mc 16,16 faz parte do epílogo acrescentado posteriormente ao Evangelho. O texto de Mt 28,19 é considerado de redação bastante recente, entre 70 e 80 dC. Os testemunhos sobre a prática batismal cristã contêm variantes consideráveis quanto ao rito, como também quanto ao seu significado. Tudo isto faz com que os fundamentos escriturísticos do batismo sejam objeto de discussões entre os exegetas em que a unanimidade é coisa rara.

A presença do batismo e sua importância na vida das primeiras comunidades são atestadas amplamente nos seus escritos. Nas cartas de Paulo é dado por certo que todos os cristãos tenham sido batizados (Rm 6,3; Gl 3,27; 1Cor 6,11; 12,13). Como também no Quarto Evangelho (Jo 3,3.5) e na Didaquê (9,5). Nos Atos dos Apóstolos são referidas diversas ocorrências do batismo. No dia de Pentecostes, no discurso de Pedro, é apresentado um convite a que se receba o batismo em nome de Jesus, para o perdão dos pecados e em vista da recepção do dom escatológico do Espírito Santo (At 2,38) e se relata o batismo de cerca de três mil pessoas (At 2,41). Filipe batizou os convertidos da Samaria (At 8,12.16) e o eunuco de Candace (At 8,30). Narra-se também a conversão e o batismo de Saulo (At 9,18), de Cornélio (At 10,48), de Lídia (At 16,15), do carcereiro de Filipos (At 16,33) e de muitos coríntios (At 18,8).

Apesar disso, há questionamentos muito sérios sobre a prática batismal das primeiras comunidades. Os que questionam a existência de uma prática batismal nas co-

comunidades primitivas fazem notar narrativas de atividade missionária em que o batismo não é mencionado (At 5,14; 11,21; 13,43-44; 14,1; 17,4.12). Entre estes se encontram H. Preisker, E. Barnikol e G. Haufe, que consideram inexistente o batismo nas primeiras comunidades, e explicam sua menção nos Atos como acréscimo tardio de caráter projetivo em direção às origens cristãs para justificar uma prática que só se estabeleceu mais tarde. Há também questionamentos não sobre a existência da prática batismal, mas sobre o significado que lhe é atribuído. G. Kretschmar considera que a unificação de sentido do batismo cristão nos séculos segundo e terceiro tenha emergido de uma ampla variedade de significados sustentados em épocas precedentes. A primitiva pluralidade de significados se explicaria não como resultante de uma evolução diferenciada a partir de uma origem comum, mas como fato originariamente diversificado (KRETSCHMAR, 192-204).

Sem dúvida é complexa a situação das comunidades cuja prática batismal é mencionada ou pressuposta nos textos do Novo Testamento. Os elementos pré-literários apresentam indícios claros da época em que essa prática não estava ainda fixada quanto ao modo exato de sua administração, nem quanto a seu preciso significado. No interior dessa prática plural, no entanto, são individuáveis elementos que rapidamente farão parte da configuração do rito cristão fundamental: o batismo com água, com caráter penitencial e expiatório, em vista da adesão pessoal a Jesus Cristo, da recepção do Espírito Santo e do ingresso na comunidade dos discípulos. A pergunta de Paulo aos cristãos de Éfeso que pusemos como título deste estudo pressupõe a existência da complexidade que acabamos de indicar em traços bastante gerais.

Diante da magnitude dos problemas e da amplitude dos estudos, não pudemos dar o mesmo tratamento a todos os textos referentes ao batismo no Novo Testamento. Escolhemos alguns que podem ser considerados representativos das tipologias gerais de modo a podermos fazer uma abordagem que enquadra os dados segundo as tendências interpretativas predominantes. Valemo-nos principalmente de obras de exegese que oferecem um panorama sobre as questões abordadas, prioritariamente daquelas que se preocupam em estabelecer o estado atual de cada questão. Por fim, a partir das tendências testemunhadas nos textos bíblicos e dos elementos que consideramos mais seguros entre os que a exegese atual nos fornece, procuramos individuar elementos que a reflexão teológica não pode deixar de considerar ao sistematizar a compreensão do batismo cristão.

1. As raízes do batismo cristão

A utilização ritual da água para banhos e abluções, seja em vista da purificação ritual ou moral, seja como sinal do ingresso ou da pertença religiosa a determinado grupo, é tão antiga e atestada em tantas culturas que pode ser considerada um arquétipo simbólico (ELIADE, 135-157). A existência de rituais em que o uso da água é central é atestada no Egito, na Babilônia, na Pérsia, na Índia, entre outros centros civilizatórios antigos (OEPKE, 528-529). É no contexto judaico, porém, que se encontram as influências diretas sobre o batismo cristão como é apresentado no Novo Testamento.

Quatro são as práticas judaicas que, excedendo os limites das simples e frequentes abluções, têm analogias mais diretas, o batismo dos prosélitos, os banhos de Qumran, os lavacros dos Mandeus e o batismo de João (THOMAS, 61-68, 140-267).

O batismo dos prosélitos é um banho de imersão requerido para a purificação ritual dos convertidos ao judaísmo, significando a adesão ao povo eleito, seguido de circuncisão para os homens, mas o estudo das fontes revela que a ele não está associada a ideia do perdão dos pecados e é um autobatismo. O caráter fragmentário das fontes não permite a datação dessa prática antes do batismo de João, pois os testemunhos se referem à segunda metade do século I dC em diante. Para os membros da comunidade de Qumran são de importância fundamental os banhos rituais como expressão de conversão, de fidelidade a Deus e de renovação, elementos considerados obras do Espírito e aos quais é atribuída uma dimensão escatológica. Apesar disso, a irrepetibilidade do batismo cristão o diferencia dessa prática (THIERING, 266-277). A prática batismal do mandeísmo inclui desde a simples ablução, passando pela tríplice imersão, chegando ao que é considerado propriamente como batismo (LUPIERI, 1993). Mas atualmente se considera que sua datação anterior ao cristianismo é uma hipótese insustentável (SCHMITT, 779-782).

Com relação ao batismo de João, a exegese recente tem salientado sua originalidade com relação às três tradições mencionadas. O significado que teve sua prática para a missão de Jesus e para a tradição apostólica é muito discutido, as fontes de que dispomos são fragmentárias. Mas é indiscutível o forte impacto que teve o Batista com sua prática religiosa e sua pregação sobre o judaísmo de seu tempo (MURPHY O'CONNOR, 359-374; LUPIERI, 1988, 179-184). Seu batismo, administrado uma só vez, é impactante porque não se destina só aos prosélitos, mas aos membros do povo eleito; tem a finalidade de perdoar os pecados e preparar para a vinda iminente do Reino de Deus. Esta prática é considerada uma criação original de João Batista e constitui o contexto próximo com relação ao qual nasce o batismo cristão e o referencial para sua diferenciação especificadora (BARTH, 37-41). Essa diferenciação será processual e será tratada com atenção, sobretudo, na obra lucana (Evangelho e Atos dos Apóstolos). A relação inicial é muito estreita. Embora a ordem pós-pascal de Jesus aos discípulos em que se inclui o batismo entre as ações eclesiais fundamentais (Mt 28,18-20; Mc 1,9-11) não esteja relacionada redacionalmente ao batismo de Jesus (Mt 3,16-17; Mc 16,15-16), o Evangelho de João testemunha isoladamente uma prática batista no grupo de Jesus antes da Páscoa (Jo 3,26), para, a seguir, titubear entre a afirmação de que Jesus batizasse e a afirmação de que eram seus discípulos que batizavam (Jo 4,1-2). Isto reforça a convicção de que a relação entre Jesus e João não fosse meramente casual. É discutida pela exegese a natureza e a duração dessa relação. Alguns consideram que Jesus tenha sido discípulo de João Batista (BECKER, 12-15; BROWN, 87). A separação entre ambos é explicada por uma conversão de Jesus (HOLLENBACH, 196-219) ou por uma modificação radical de sua prática: de batista, Jesus teria se tornado exorcista e taumaturgo (HOLLENBACH, 207-217). Também quanto à composição do grupo dos discípulos de Jesus há relação com o grupo dos discípulos de João (Jo 1,36-40), e, assim, alguma relação entre o batismo praticado por ambos (Jo 3,26; 4,1-2).

Se do ponto de vista do simbolismo da água o batismo cristão se relaciona com uma prática milenar, atestada em muitas culturas, certamente a partir da importância da água para a vida humana, do ponto de vista de seu significado, no entanto, é com a prática batismal de João Batista que o batismo cristão se relaciona mais diretamente.

2. Os primeiros testemunhos bíblicos do batismo cristão nos escritos paulinos

A referência ao batismo é frequente nas cartas paulinas (1Cor 1,14.16.17; 6,11; 10,1-13; 12,13; 15,29; Gl 3,27; Rm 6,1-11) e também nas deuteropaulinas (Cl 2,12, Ef 4,5; Tt 3,5). Tratam-se sempre de interpretações teológicas, sem que seja apresentada uma instrução unitária a respeito. Além disso, entre seus escritos, observam-se acentuações diferentes entre 1 e 2Cor, de um lado, e de outro Gl e Rm (SCHNELLE, 1-81), o que indica um amadurecimento do pensamento de Paulo a respeito. O elemento mais tipicamente paulino é o das grandes epístolas, nas quais o batismo é entendido como participação na morte, sepultura e ressurreição de Cristo. Embora se conjecture que essa sua característica não inclua originalidade, tendo ele herdado tal interpretação das comunidades helenísticas (BARTH, 94-95).

A respeito do valor atribuído por Paulo ao batismo, os exegetas se dividem. Em linha de mínimos, alguns consideram que se trate de um valor meramente ritual, que simboliza a adesão a Cristo e a participação em sua morte e ressurreição através da fé que responde à pregação do Evangelho (THYEN, 198-199 & BARTH, 92-106). Segundo essa interpretação, o que liga o crente a Jesus não é o batismo, mas a fé. O batismo é o momento em que o crente se compromete ao seguimento. Outros identificam no pensamento paulino a atribuição de um valor verdadeiramente sacramental ao batismo, no qual está incluída a fé (BEASLEY-MURRAY, 199-204; SCHNACKENBURG, 1950). Segundo essa interpretação, é o próprio rito batismal que envolve o crente no morrer, ser sepultado e ressuscitar de Cristo, e a vida nova é conferida ao crente pela força simbólica do rito. A ligação entre o evento da morte e ressurreição de Cristo e o rito do batismo é explicada pela dimensão coletiva de Jesus Cristo, novo Adão (SCHNACKENBURG), ou pela personalidade inclusiva de Cristo (BEASLEY-MURRAY). Como Paulo estabelece um paralelismo perfeito entre batismo e fé em vista da salvação (Gl 3,26-27), a pesquisa mais recente tem insistido na necessidade de interpretar a questão no âmbito amplo da teologia paulina tomando-se em consideração a evolução que se processa em seu pensamento (SCHNELLE, 15).

Quanto à compreensão do batismo cristão nos escritos paulinos, destaca-se o vínculo estreito que existe entre a pregação do Evangelho, e nela a centralidade da cruz, a fé que a ela responde, e o batismo, ato mediante o qual a fé é assumida como estilo da vida nova. A participação na morte de Cristo, em seu sepultamento e em sua ressurreição é o elemento mais característico da contribuição de Paulo para a configuração específica do batismo cristão.

3. A complexidade da prática batismal em vias de unificação segundo os Atos dos Apóstolos

A referência interpretativa do batismo na obra lucana não é, como para Paulo, a morte e a ressurreição de Jesus, mas se encontra ligada à fórmula “no nome de Jesus” e na contraposição de significado que há entre batismo para a conversão, do grupo do Batista, e o batismo ao qual se liga o dom do Espírito Santo.

Antes de discutir as tipologias do batismo propriamente cristão é preciso ter presente que os Atos conhecem a prática do Batismo de João no interior da comunidade cristã em Éfeso (At 19,1-7). Entre os que assim foram batizados está Apolo, o grande pregador, do qual não se diz que tenha recebido posteriormente outro batismo ou uma imposição das mãos para o dom do Espírito Santo, mas somente um ensinamento doutrinário mais exato, de Priscila e Áquila (At 18,24-28). A este batismo o autor dos Atos chama de batismo de conversão (At 18,25). Uma visão de conjunto sobre este problema se encontra em Pereira, 1977. R. Schnackenburg considera inverossímil a história de Apolo, e que o redator tenha tomado a informação a partir de fontes provenientes de ambientes ligados a João Batista (SCHNACKENBURG, 1991: 43-44).

E há ainda o testemunho de um batismo em nome de Jesus não ligado ao dom do Espírito Santo, como o que era administrado por Filipe na Samaria (At 8,5-12), e o que foi conferido ao eunuco de Candace (At 8,26-40).

Três formulações, divididas em dois grupos, relacionam o batismo com o nome de Jesus: “em nome” (*eis to onoma*), por um lado, e “em” (*en*) ou “pelo nome” (*epi to onoma*), por outro, seguidas por títulos diferentes: Senhor, Jesus Cristo. A exegese se ocupa da origem e do significado dessas expressões. A amplitude do problema nos impede de seguir aqui os pormenores da questão e de apresentar um *status quaestionis*. Referimo-nos ao trabalho de síntese realizado por M. Quesnel. Segundo seus estudos, as raízes da fórmula “para o nome” se encontram na linguagem helenística de ambiente comercial, e ela indica a pertença do crente a Jesus pelo batismo. Ela aludiria a uma tensão religiosa ou mística para Jesus Cristo. Segundo a interpretação desse autor, uma vez que Cristo é o objeto do rito e que o crente é batizado para ser em Cristo, essa tensão marca a existência cristã como um todo. As raízes das fórmulas “em” ou “pelo nome” se encontram nos escritos do judaísmo helenista, e se referem ao hebraico *leshem*, ao aramaico *leshum*, e ainda a *beshem* do texto massorético, do Targum e dos textos de Qumran, com sentido instrumental. Segundo essa interpretação, o batismo é um rito fundado em Cristo e instrumental em vista da relação com Ele. O fundamento linguístico explicaria somente de modo parcial a questão, uma vez que o sentido varia também de acordo com o âmbito específico de seu uso. Assim, M. Quesnel procura mostrar como a prática batismal iniciada na Palestina continuou se desenvolvendo em modalidades que conheceram variações nas diversas comunidades, até ser fixada no sentido proposto no conjunto da obra lucana.

O segundo elemento decisivo para a compreensão do batismo nos Atos dos Apóstolos é a contraposição entre batismo com água e batismo no Espírito Santo (Lc 2,16; At 1,5; 11,15-16) ou para a recepção do Espírito Santo (At 2,38, em At 10, 44-48 o dom do

Espírito Santo precede o rito batismal). Outro tema amplo e complexo. A linha em que se move o autor dos Atos é a de expor a especificidade do batismo cristão pelo dom do Espírito Santo, mas sem excluir o rito em que a água é o elemento fundamental. A este batismo se oporia aquele que é realizado puramente pela água, com sentido exclusivamente penitencial. Já nos escritos de Paulo o batismo com água e a justificação no Espírito estão relacionados (1Cor 6,11 e 12,13). É nesta linha que se movem os Atos. Não obstante, seu autor não atinge uma apresentação uniforme de seu pensamento a respeito do tema, uma vez que o dom do Espírito é apresentado por ele com referência a um rito de imposição das mãos ou até sem ele (At 8,2-17; 10,44-48; 19,1-7).

Vista a complexidade da situação dos Atos com relação ao batismo cristão, é evidente que nele o problema encontra seu ponto alto (QUESNEL, 1970).

Tendo em conta a dificuldade de abordar os vários elementos da discussão exegetica de modo sintético, utilizamos as conclusões do estudo de M. Quesnel a propósito. Segundo ele, o grupo das comunidades da Ásia Menor e da Acaia, de proveniência helenista, praticava o batismo “para o nome” e um rito de imposição das mãos para a efusão do Espírito Santo. Traços dessa tradição se encontrariam em At 8,12-17; 9,17-19 e 10,1-7. Ele considera a hipótese de que o rito da imposição das mãos possa ter sido introduzido em um segundo momento. O segundo tipo de batismo, ligado a comunidades judeu-cristãs, cuja referência principal é a de Antioquia, teria continuado o estilo do rito de João Batista, administrando um batismo que pressupõe a conversão e obtém o perdão dos pecados. A dimensão pneumatológica não é ausente dessa comunidade, que se sabe assistida e sustentada pelo Espírito Santo, como testemunham os carismas proféticos e dos doutores (At 13,1) e o envio de Paulo e Barnabé (At 13,4). Também neste caso, o batismo comportaria uma relação com o Espírito Santo pelo ingresso na comunidade.

Assim, os estudos parecem indicar que o redator dos Atos procura unificar pelas linhas gerais a plural prática do batismo, destacando a íntima relação que ele comporta com Cristo e a dimensão escatológica do ser em Cristo, que é manifesta pela recepção do Espírito Santo.

4. A ação humana no batismo segundo a primeira Epístola de Pedro

A apresentação do batismo que encontramos em 1Pd 3,21 ocorre no interior de um dos dois únicos procedimentos de interpretação tipológica do batismo no Novo Testamento. Ela se funda na comparação com a arca de Noé. Do ponto de vista literário, o elemento central é a analogia entre o efeito purificador natural da água sobre os corpos e o efeito de renovação espiritual do batismo fundado em um ato humano que é suscitado pela ressurreição de Jesus Cristo. Como na outra apresentação tipológica do batismo cristão, que se encontra em 1Cor 10,1-5, na qual o tipo é constituído por Moisés, o símbolo de Cristo é que é decisivo (a arca da salvação, neste caso, como Moisés naquele). Em nenhum dos dois a água parece ter sentido de purificação, mas o atravessamento das águas é que é decisivo, o ser salvo delas. Daí que o autor insista em que o batismo não é lavagem de uma imundície corporal, e a partir disso exponha sua com-

preensão do significado fundamental desse rito. Ela se situa em torno do contraste estabelecido entre “carne/corpo” (*sarkós*) e “consciência” (*suneideseos*). Aqui se lida, portanto, com termos muito complexos do ponto de vista da antropologia bíblica. Não se pode simplesmente fazer uma oposição entre corpo e alma, uma vez que o termo “carne” não indica simplesmente a carne humana, mas a própria humanidade sob seu aspecto de fragilidade, limitação, necessidade de ser fortalecida por Deus, e que o termo “imundície/sujeira” (*rupos*) não significa somente algo sujo em sentido material, mas pode assumir também o sentido ético (Tg 1,21; Ap 22,11). As fronteiras aqui não são tão nítidas. A purificação de que se fala no versículo que nos ocupamos poderia, portanto, significar o cancelamento de uma sujeira material como também de uma impureza moral, ligada à fragilidade do homem enquanto carne. A antítese não seria, neste caso, entendida em sentido de oposição, mas de excelência (não tanto... quanto). Como banho purificador, o batismo é apresentado também em Ef 5,26 e Hb 10,22. Em Hb 10,22, o banho/lavacro com água não é excluído do significado do batismo, que abrange a totalidade da pessoa (coração purificado, corpo lavado) e em Ef 5,26 se fala de um banho com água seguido da palavra. Apenas em 1Pd 3,21 o banho com água é apresentado negativamente. Alguns exegetas veem nisso uma contraposição aos ritos das abluções judaicas ou da comunidade de Qumran (BOISMARD, 339-352).

A distinção entre os aspectos interiores e os exteriores do rito batismal feita pelo autor não é seguida por uma explicação sobre a graça batismal, mas somente sobre a ação pessoal humana, o pedido/compromisso da boa consciência diante de Deus (SELWYN, 204-205). O acento recai não sobre o que Deus faz à pessoa humana no batismo, mas sobre a ação humana que é realizada no batismo, a atividade humana ligada à conversão e à fé. A boa consciência é o que se busca com o batismo, em vista da salvação. A palavra “consciência” (*suneidesis*), ausente na Septuaginta, comparece no Novo Testamento em torno de trinta vezes, das quais três em 1Pd. Seu significado está ligado ao pensamento helenístico, mais à filosofia popular que à das grandes correntes (DUPONT, 123-146). Esta palavra indica o elemento constitutivo da pessoa consciente e responsável, o senso moral que discrimina o bem e o mal e os relaciona com Deus e com a salvação, assumindo assim, além da significação ética, uma orientação teológica (MAURER, 321-325). A ação humana pela qual se busca essa boa consciência é designada como *eperotema*, que é traduzida por alguns como pedido/súplica, e por outros como promessa/compromisso. O batismo que salva precisa ter, de acordo com a 1Pd 3,21, a conotação precisa de um compromisso pessoal que, brotando de uma convicção interior que unifica toda a pessoa, se exprime exteriormente em um ato que manifesta sua total adesão a Cristo morto e ressuscitado. Este ato tem a qualidade de um juramento feito diante de Deus, através da ressurreição de Jesus Cristo. Ele configura toda a sua existência e obtém sua eficácia da ressurreição de Cristo. O tema da ressurreição e da esperança que ela sustenta é fundamental em todo este escrito, pois é nela que o autor exorta os cristãos a se apoiarem para suportar com paciência os sofrimentos pelos quais atravessam. A esta tensão característica da vida cristã, o batismo confere o elemento central: a intencionalidade da fé que configura a existência humana, assimilada à de Jesus Cristo.

Está aqui presente um elemento que, na confluência das práticas plurais, permitirá que se chegue à formulação batismal ternária. Já se encontram nos Atos e em Paulo os elementos cristológico, pneumatológico e penitencial da interpretação do banho ritual. Agora estamos na presença do elemento teológico (referente a Deus, o Pai). Além disso, o batismo está já precisado também quanto ao elemento antropológico de seu conteúdo.

5. A forma canônica do batismo em Mateus

Em Mt 28,19 encontra-se a fórmula batismal que rapidamente se iria impor a toda a Igreja. Trata-se do batismo em nome (*eis to onoma*) do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. A perícopes em que se encontra (28,16-20) o insere em uma teofania pascal em que Cristo se apresenta com poder, confere uma missão e faz uma promessa de permanecer sempre com seus discípulos. A missão ou ordem do Ressuscitado se refere a fazer discípulos de todas as nações, batizar e ensinar a observância do que Ele ensinou. Três elementos, portanto: fazer discípulos (*mateteusate*), batizar (*baptizein*) e ensinar (*didaskein*). Esta perícopes é considerada como uma síntese da cristologia de Mateus e de sua eclesiologia. Nela se apresenta o fundamento último de sua teologia bem elaborada. O discipulado aí se encontra fundamentado numa ordem do Ressuscitado, na qual o batismo é superior ao administrado por João e o ensinamento é superior ao que é transmitido pelos rabinos, pois quem o transmitiu é superior a Moisés.

Este texto tem sido objeto de inúmeras pesquisas exegéticas, e cada detalhe seu é investigado minuciosamente. As principais discussões se concentram em torno do gênero literário da perícopes, do sentido da fórmula batismal ternária, e da relação entre o batismo de Jesus no início do Evangelho e da ordem do batismo cristão em seu final. Uma boa apresentação do estado atual da questão se encontra no comentário de TRILLING (63-71).

Duas questões principais nos interessam aqui, a origem da fórmula ternária e o significado do batismo administrado em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. A fórmula ternária se refere à específica compreensão cristã de Deus. Nesta etapa, já é claro que Aquele a quem Jesus se referia como *Abba* é o Deus de Israel; que Ele se apresenta com extraordinária pretensão, ao designar-se como Filho; e que a Força de Deus atua nele de modo que Ele se identifica com o Messias prometido, no qual o Espírito se manifesta plenamente (LADARIA, 107-113). O redator do Evangelho não seria nem o criador da fórmula ternária, nem também um simples compilador de tradições já existentes. Utilizando uma fórmula litúrgica do batismo já em uso, elabora a conclusão de seu escrito retomando esquemas tradicionais de teofania veterotestamentária, de vocação e missão profética e o esquema cristológico baseado na fórmula “eu sou” (*ego eimi*) em uma síntese totalmente original (BORNKAMM, 173.177-178; TRILLING, 9-50). Deste modo, a fórmula ternária do batismo já em uso adquire dimensões novas: a participação de todos os crentes na obra salvífica cuja fonte é o Pai; a aceitação do ensinamento e da obra de Jesus, o Filho, expressa no seu seguimento; a recepção da mesma Força divina, o Espírito Santo, que atuou na vida de Jesus; a pertença à comunidade universalista de salvação que é a Igreja.

A fórmula batismal mateana é mais recente que a dos Atos, que testemunha um batismo em nome de Jesus em vista da recepção do Espírito. A discussão sobre a exata origem dessa fórmula permanece aberta no debate exegético (TRILLING, 49-50). Dois testemunhos pós-apostólicos reforçam a tese de que se trata de uma fórmula litúrgica cuja difusão é independente do texto de Mateus (DIDAQUÉ 7,1-3; JUSTINO, Apol., LXI,3). Esta fórmula está ligada aos textos ternários do Novo Testamento, cuja origem remete a textos apocalípticos intertestamentários (KELLY, 31-62).

O batismo cristão aparece então como fruto da vontade do Ressuscitado, como expressão de sua suprema autoridade recebida do Pai, e como condição para a pertença a seu povo, o verdadeiro Israel, que é a Igreja. Assim, a obra salvífica do Pai à qual o próprio Jesus se consagrou continua na Igreja que atua na força do Espírito. A obra da Igreja por meio da qual ela cumpre sua missão salvífica se articula em três elementos: fazer discípulos, batizar e ensinar. O discípulo, batizado, fica assim comprometido com a própria obra divina continuada na Igreja.

6. Perspectivas da reflexão

Os testemunhos bíblicos fornecem elementos em vista da história das origens do batismo cristão, conservando elementos pré-literários que permitem compreender a tipologia variada que esse batismo conheceu e a também variada interpretação teológica de seu significado.

Um primeiro tipo de batismo consistia na continuidade do batismo como o de João, que segundo o quarto Evangelho era praticado por Jesus ou por seus discípulos durante seu ministério (Jo 3,22-26; 4,1-3), e que continuou sendo praticado por algumas comunidades depois da Páscoa (At 19,3). Trata-se de um batismo de conversão (At 19,4).

Em seguida, têm-se duas formas de batismo referidas explicitamente a Jesus, provenientes de duas tradições diferentes. Um batismo “em nome de Jesus” em que se usa o título Senhor, sem a invocação do Espírito (At 8,16). Também em 1Cor 1,13.15 aparece a expressão “em nome” (*eis to onoma*) referida ao batismo, perícope em que não se menciona o Espírito, e se utilizam os títulos Senhor e Cristo. Senhor é título proveniente de comunidades cristãs helênicas ou judeu-helênicas; Cristo é proveniente de comunidades cristãs de origem judaica ou judeu-helênicas (SERENTHÀ, 501-505; 514-518).

Encontra-se também o batismo “em nome de Jesus” (At 8,12.16) ou “em nome de Jesus Cristo” (At 2,38; 10,47), que é precedido ou seguido pela recepção do Espírito Santo (At 10,44-46; 19,5-6), e se encontra ligado a Pedro. No contexto em que ocorre é utilizado o título Cristo. Este batismo, em que comparecem os elementos penitencial, cristológico e pneumatológico, é apresentado na teologia lucana como a forma tipicamente cristã, porque distinta do batismo de João e ligada a Jesus Cristo, o Messias escatológico, pleno do Espírito (Lc 3,16). A pergunta fundamental feita aos membros da comunidade de Éfeso por Paulo se refere à recepção do dom do Espírito Santo no rito batismal (At 19,2). O dom escatológico do Espírito Santo em geral está ligado a um rito de imposição das mãos. No caso do batismo ter sido administrado em nome de

Jesus, realiza-se somente a imposição das mãos, como aconteceu com os cristãos da Samaria batizados por Filipe (At 8,17). No caso do batismo administrado ter sido o de João, administra-se o batismo em nome de Jesus e na sequência impõem-se as mãos (At 19,5-6).

Tem-se ainda o batismo realizado em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, segundo a fórmula ternária de Mateus, que se tornou a mais difundida e, por fim, configurou a forma canônica.

São, portanto, basicamente quatro as formas batismais atestadas no conjunto do Novo Testamento.

Quanto a seu significado, a situação não é menos complexa. Os elementos textuais internos são a referência fundamental para a questão do significado do rito, como não poderia ser diferente. Mas um elemento externo é decisivo para a interpretação deles. Trata-se da ruptura entre Israel e a Igreja e a autocompreensão da Igreja como novo Povo de Deus. Enquanto se compreendia como parte de Israel, o rito da circuncisão não podia deixar de ser a referência de ingresso e sinal de pertença ao Povo de Deus. Quando a Igreja se abre para a gentilidade e se questiona sobre o valor da observância dos costumes judaicos em vista da salvação, o batismo assume o papel determinante na pertença a Cristo e sua Igreja. Sem dúvida, este fator é determinante para a compreensão do valor e da função do batismo cristão.

No primeiro caso, o do batismo para a conversão, dito batismo de João, a prática batismal está ligada à fé na ressurreição do Senhor, uma vez que os membros da comunidade de Éfeso são chamados de discípulos (At 19,1). Tem-se o componente batismal a partir do qual evoluiu o sentido desse rito: a penitência que se segue à conversão. De fato, a conversão é componente sempre presente nas narrativas em que o anúncio da Palavra é seguido pelo acolhimento e pela fé (At 5,14; 11,21; 13,43-44; 14,1; 17,4.12). Este componente será preservado nos estágios posteriores da prática batismal. A Didacé estabelece um jejum para quem batiza e para quem é batizado, que para o batizado deve se prolongar por um ou dois dias (7,4).

No caso do batismo em nome do Senhor Jesus (ou Senhor Jesus Cristo), praticado nas comunidades helênicas ou judeu-helênicas, a referência à crucifixão do Senhor é elemento decisivo (1Cor 1,13b). Nesse caso, o significado central atribuído ao batismo está em conexão com o simbolismo da submersão associado à morte. Este significado já era atestado no uso extrabíblico do termo batismo (OEPKE, 42-43). Tal significado é melhor desenvolvido em Rm 6,1-11. A expressão *eis to onoma* indica a relação que há entre o crente e o Senhor Jesus em termos de pertença, propriedade (1Cor 6,20; 7,23). Esta fórmula não é a tradução das expressões judaicas *beshem*, *leshem* ou *al-shem*, mas é típica do grego comercial. O significado simbólico do morrer com Cristo, ser com Ele sepultado e com Ele ressurgir para uma vida nova permanecerá na consciência eclesial. Este sentido de vida nova, novo nascimento, é determinante na teologia do quarto Evangelho (Jo 3,3-7).

O batismo em nome de Jesus Cristo praticado nas comunidades judaicas ou judeu-helênicas é um batismo para o perdão dos pecados e para a conversão, como o

de João Batista (Lc 3,3), mas, à diferença dele, é normalmente associado a uma efusão do Espírito Santo (Lc 3,16) como sinal do início dos tempos escatológicos (At 2,16-17.33). As fórmulas *epi to* e *en to onomati* traduzem as expressões hebraicas cujo sentido indicam causalidade (*epi*) ou fundamento (*en*), e na praxe batismal indicariam o motivo ou a finalidade do batismo como o de estabelecer uma relação intencional e profunda com Jesus Cristo. Também o elemento pneumatológico que distingue esta prática batismal entrará para a consciência cristã como dado fundamental do batismo (Jo 3,5-6; 6,63; 7,39, 14,26; 15,26).

Por fim, o batismo segundo a fórmula ternária de Mateus é aquele cujo sentido é o mais desenvolvido e melhor articulado, razão pela qual se deve ter imposto ao conjunto das comunidades cristãs. É fato que o autor dos Atos não fala dessa forma de batismo, apesar de a redação final dos Atos e do Evangelho de Mateus não serem muito distantes entre si. O vínculo do batizado com a obra salvífica do Pai, realizada por Jesus, o Filho, sob a força do Espírito, é explicitado de modo extraordinariamente novo. Suas bases, porém, já se encontram na prática batismal em nome de Jesus em seus dois tipos básicos. Em Mateus esses fundamentos são explicitados a partir da eclesiologia mais desenvolvida teologicamente. Como atesta a 1Pd, o batismo não é só um rito que se recebe, é um ato plenamente pessoal pelo qual se adere a Cristo por toda a vida.

Entre o primeiro testemunho escrito sobre o batismo cristão, o da 1Cor, e os mais recentes, provavelmente o de At e Mt, decorrem aproximadamente vinte anos. Daí até a redação da Didaqué decorrem mais ou menos outros vinte anos. No arco de quarenta anos, temos testemunhado o aprofundamento do significado do rito batismal, a consequente modificação na práxis eclesial referente a ele e a difusão da forma mais elaborada de modo a que praticamente se atinge a unanimidade em torno da forma que ainda hoje é utilizada pela Igreja na celebração deste sacramento.

Segundo o testemunho de conjunto das Escrituras Cristãs, receber o batismo é converter-se definitivamente ao Reino de Deus. É nascer de novo e entrar nos tempos escatológicos. É viver a condição do homem novo. É entrar em comunhão com o projeto salvífico do Pai que continua na Igreja, por meio da comunhão pessoal com o Filho, sustentado na força do Espírito.

Referências bibliográficas

BARNIKOL, E. *Das Fehlen der Taufe in den Quellenschriften der Apostelgeschichte und in den Urgemeinden der Hebräer und Hellenisten* (Wissenschaftliche Zeitschrift der Martin-Luther-Universität, vol. VI). Halle – Wittenberg, 1956-1957, 593-610.

BARTH, G. *Die Taufe in frühchristlicher Zeit* (Biblich-Theologische Studien, 4). Neukirchen – Vluyn, 1981.

BEASLEY-MURRAY, G.R. *Baptism in the New Testament*. Exter, 1972.

BECKER, J. *Johannes der Täufer und Jesus von Nazareth* (Biblische Studien 63). Neukirchen – Vluyn, 1972.

BOISMARD, M.-E. “La typologie baptismale dans la I Ep. De St. Pierre”. *La Vie Spirituelle*, 94 (1956), 339-352.

- BORNKAMM, G. *Der Auferstandene und der Irdische. Mt 28, 1-20*, in Festschrift R. Bultmann, *Zeit und Geschichte*. Tübingen, 1964, 171-191.
- BROWN, R.E. *Jesus and Elisha*. Pittsburgh, 1971.
- DUPONT, J. "Synecidesis. Aux origins de la notion chrétienne de conscience morale". *Studia Hellenistica*, 5 (1948) 119-153.
- ELIADE, M., *Immagini e simboli*. Saggi sul simbolismo magico-religioso. Milano, 1987, p. 135-157.
- HAUFE, G. "Taufe und Heiliger Geist im Urchristentum". *Theologische Literaturzeitung*, 101 (1976) 561-571.
- HOLLENBACH, P.W. "The conversion of Jesus: From Jesus the baptizer to Jesus the healer", in TEMPORINI, H. – HAASE, W. ed., *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt. Geschichte und Kultur Roms im Spiegel der neueren Forschung, Principat*. Berlin, 1982, 196-219.
- KELLY, J.N.D. *I simboli di fede della Chiesa Antica. Nascita, evoluzione, uso del Credo*. Bologna, 2009.
- KRETSCHMAR, G. "Firmung". *Theologische Realenzyklopädie*, 11 (1983) 192-204.
- LADARIA, L.F. *El Dios vivo y verdadero. El misterio de la Trinidad*. Salamanca, 1998.
- LUPIERI, E. *I mandei. Gli ultimi gnostici*. Brescia, 1993.
- . *Giovanni Battista fra storia e leggenda*. Brescia, 1988.
- MAURER, C. *Synōida, syneidesis*. Grande Lessico del Nuovo Testamento, vol. XIII, 269-326.
- MURPHY O'CONNOR, J. "John the Baptist and Jesus: History and Hypotheses". *New Testament Series*, 36 (1990) 359-374.
- OEPKE, A. *Baptô*, in *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, vol. II, Brescia, col. 41-90.
- PEREIRA, F., *Paul's Ephesian Ministry (Acts 18,23-20,1). A Redaction-Critical Study*. Except of a doctoral Thesis presented to the Biblical Faculty of the Pontifical Biblical Institute. Roma: Pontificio Istituto Biblico, 1977.
- PREISKER, H., "Die Vikariatstaufe 1 Kor 15,29 – ein eschatologischer, nicht sakramentaler Brauch". *Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der Älteren Kirche*, 23 (1924) 298-304.
- QUESNEL, M. *Baptisés dans l'Esprit*. Paris, 1985.
- SCHMITT, J. Mandéisme, in *Dictionnaire de la Bible, Supplément*, vol V. Paris, 1954, col. 779-782.
- SCHNACKENBURG, R. *Das Heilsgeschehen bei der Taufe nach dem Apostel Paulus. Eine Studie zur paulinischen Theologie*. München, 1950.
- . "Ephesus: Entwicklung einer Gemeinde von Paulus zu Johannes". *Biblische Zeitschrift*, 35 (1991) 41-64.

SCHNELLE, U. *Gerechtigkeit und Christusgegenwart. Vortpauliniesche und paulinische Tauftheologie*. Tübingen, 1983.

SELWYN, E.G. *The First Epistle of St. Peter*. London, 1947.

SERENTHÀ, M. *Jesus Cristo ontem, hoje e sempre. Ensaio de cristologia*. São Paulo, 1986.

THIERING, B.E. "Inner and outer Cleansing at Qumran as a Background to New Testament Baptism". *New Testament Series*, 36 (1990) 266-277.

THOMAS, J. *Le mouvement baptiste em Palestine et em Syrie (150 avant Jésus-Crist – 300 après Jésus-Crist)*. Gembloux, 1935.

THYEN, H. *Studien zur Sündenvergebung im neuen Testament und seinem alttestamentlichen und jüdischen Voraussetzungen*. Göttingen, 1970.

TRILLING, W. *El verdadero Israel. La teología de Mateo*. Madri, 1974.

Antonio Luiz Catelan Ferreira
Rua Serra de Roraima, 450
Jardim Bandeirantes
86065-640 Londrina, PR
catelanferreira@uol.com.br